



Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião

ISSN: 1518-4463

ISSN: 1982-2650

Universidade Estadual de Campinas

Oro, Ari Pedro

A "HERANÇA DÜRKHEIMIANA" NA REVISTA *ARCHIVES DE SCIENCES SOCIALES DES RELIGIONS* 1

Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião,  
vol. 20, núm. 28, 2018, Janeiro-Julho, pp. 99-113

Universidade Estadual de Campinas

DOI: <https://doi.org/10.20396/csr.v20i28.12458>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=717975893007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

# A “HERANÇA DÜRKHEIMIANA” NA REVISTA *ARCHIVES DE SCIENCES SOCIALES DES RELIGIONS*<sup>1</sup>

Ari Pedro Oro

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil*

**Resumo:** Este artigo versa a revista francesa *Archives de Sciences Sociales des Religions* e sua relação com a Escola Sociológica Francesa, ou escola Dürkheimiana. Fundada em 1956 por um pequeno grupo de cinco intelectuais, a saber: Henri Desroche, Emile Poulat, Jacques Maître, François-André Isambert e Gabriel Le Bras, este grupo, influenciado sobretudo por este último, imprimiu no grupo um ethos de trabalho coletivo cooperativo, que conheceu junto a alguns sociólogos e antropólogos que atuaram em torno da revista *Année sociologique*, tais como Marcel Mauss, Maurice Halbwachs, Celestin Bouglé, Louis Massignon, François Simiand e Henri Lévy-Bruhl. Igualmente, a herança Dürkheimiana se manteve institucionalmente no horizonte de *Archives*, que se quis, até certo ponto, continuadora de *Année sociologique* no tratamento científico do tema da religião, sem desconsiderar a teoria Dürkheimiana da religião, sobre a qual *Archives* consagrou inúmeros textos e mesmo três volumes ao longo da sua história, que serão considerados neste artigo.

**Palavras-chave:** *Archives de Sciences Sociales des Religions*, *Année sociologique*, Escola Sociológica Francesa, herança Dürkheimiana, teoria Dürkheimiana.

**Abstract:** This article aims to examine the French magazine *Archives de Sciences Sociales des Religions* and its relationship with French Sociological School or Dürkheimian School. Founded in 1956 by a small group of five scholars, that is Henri Desroche, Emile Poulat, Jacques Maître, François-André Isambert and Gabriel Le Bras, this group, influenced specially by Le Bras, printed in this group a ethos of cooperative collectif work, that he knew among some anthropologists and sociologists who have acted in *Année sociologique* revue, such as Marcel Mauss, Maurice Halbwachs, Celestin Bouglé, Louis Massignon, François Simiand e Henri Lévy-Bruhl. Also the Dürkheimian heritage remained institutionally in the Horizon of *Archives*, that wanted, to a certain extent, to continue *Année sociologique* in scientific treatment of the theme of religious, without disconsider the Dürkheimian theory on religion, on which *Archives* consecrated many texts and even three volumes in its history, that will be taken into account in this article.

**Key-words:** *Archives de Sciences Sociales des Religions*, *Année sociologique*, French Sociological School, Dürkheimian heritage, Dürkheimian theory.

---

<sup>1</sup> Texto originalmente apresentado no evento “Magia e religião: teorias, métodos e suportes documentais no âmbito da Escola Sociológica Francesa”, ocorrido em Curitiba, em dezembro de 2017, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

## Introdução

Fundada em 1956, a revista *Archives de Sciences Sociales des Religions* é tida como a mais prestigiada revista francesa da área das ciências sociais dedicada ao tema da religião. Acolhe textos em francês, inglês e espanhol e publica anualmente quatro números<sup>2</sup>, sendo em geral dois números temáticos, um variado e um boletim bibliográfico. Possui edição impressa e online e o último volume publicado é de número 179, no final de 2017<sup>3</sup>.

O objetivo deste texto é explorar a relação que em sua origem e no decorrer dos anos os fundadores dos *Archives* mantém com a chamada Escola Sociológica Francesa, ou, mais especificamente, com a “herança dürkheimiana”, tanto no que tange à metodologia de trabalho científico dos seus membros quanto no lugar ocupado pela teoria dürkheimiana na referida revista<sup>4</sup>.

Explorar este tema significa mexer com minhas próprias lembranças e reminiscências, uma vez que nos anos 1980 frequentei aulas e seminários ministrados por dois dos cinco fundadores da referida revista, a saber: Henri Desroche (1914-1994) e François-André Isambert (1924-2017), além de ter participado de palestras proferidas por dois outros fundadores, Jacques Maître (1925-2013) e Emile Poulat (1920-2014). Outro professor, que se integrou ao grupo fundador da Revista em 1960, Jean Séguy (1925-2007) foi meu orientador de tese de doutorado defendida em dezembro de 1985 em Paris (Oro, 1985).

Um dos principais mentores da fundação da revista foi Gabriel Le Bras, tido como o elo de ligação entre os pioneiros da sociologia religiosa francesa e o grupo acima mencionado.

## 1. Gabriel Le Bras e a fundação do Grupo de Sociologia das Religiões e dos *Archives de Sociologie des Religions*

Gabriel Le Bras (1891-1970), jurista, sociólogo, historiador, foi, segundo Hervieu-Léger, p. 2009, 255, o “iniciador da sociologia do catolicismo na França”. Ainda segundo esta socióloga francesa, Le Bras se situa “a meio-caminho entre os elementos mais jovens do grupo de *Année sociologique* (como Halbwachs, Simiand ou Davy) e a geração que constituiu a sociologia francesa das religiões como disciplina de pesquisa organizada (Desroche, Poulat, Isambert, Maître ou Séguy)...” (Id. Ibid., p. 256-257).

<sup>2</sup> Nos primeiros vinte anos de existência a Revista publicou dois números por ano. A partir de 1977, tornou-se trimestral e nos últimos anos publica quatro números anuais.

<sup>3</sup> A revista, como veremos, se inscreve no contexto do *Groupe de Sociologie des Religions*, fundado em 1954, o qual, por sua vez, se vinculava ao *Centre d'études sociologiques*, do *Centre National de Recherche Scientifique* (CNRS). Na década de 1990, o Grupo se desmembrou em duas unidades de pesquisa do CNRS uma vinculada à l'EHESS (*Centre d'Études Interdisciplinaires du Fait Religieux* - CEIFR) e outra à 5ª sessão (“Sciences religieuses”) de l'EPHE (*Groupe Sociétés, Religions, Laïcités* - GSRL). O objetivo da revista, conforme pode ser lido no seu próprio site <https://assr.revues.org/> é promover uma perspectiva comparativa e ampliada de todas as religiões, de todas as áreas culturais, favorecer a cooperação de todas as ciências sociais que se ocupam do fenômeno religioso, e acolher os resultados de pesquisas consagradas a esse tema no mundo inteiro. Os números da revista que cobrem os anos 1956 a 2001 podem ser livremente acessados no portal Persée. Desde 2001 a revista está localizada no portal Revues.org; vários artigos podem ser consultados em sua versão integral e em sua forma resumida dos três últimos anos.

<sup>4</sup> Lembremos que os pioneiros da Escola Sociológica Francesa, assim como os clássicos da Sociologia e da Antropologia, se confrontaram com a análise da religião, o que significa que o nascimento das ciências sociais encontra-se fortemente ligado a uma interrogação sobre o futuro da religião nas sociedades modernas.

Continua Hervieu-Léger nos informando que enquanto jurista Le Bras interessava-se pela história das instituições e tornou-se sociólogo motivado pelo interesse em “conhecer os homens para quem e por quem as instituições são criadas”. Para tanto, contou com o apoio decisivo de eminentes sociólogos da Escola Sociológica Francesa. Segundo Hervieu-Léger (Id. Ibid., p. 258), “Mauss, Bouglé e Halbwachs o encorajaram fortemente a se empenhar nesse caminho...”.

De fato, G. Le Bras frequentou o grupo dos discípulos de Dürkheim. Ele havia participado, em 1924, da criação do Instituto Francês de Sociologia, que foi presidido por Marcel Mauss até 1927<sup>5</sup>. Ali, escreve Le Bras:

*J'ai connu un groupe accueillant sans préjugés dont l'unique souci était de contribuer à l'avancement de la sociologie. Un “tala” y respirait à l'aise aussi bien qu'un agnostique. Mauss, notre patriarche, savait tout, par charisme et répandait ses dons sans attendre le contre-don. La méditation continue, la modestie sans borne de Halbwachs en faisait comme un être surnaturel. La fine culture, l'exquise gentillesse de Bouglé, la puissante et austère pensée de Granet, le généreux prophétisme de Massignon nous séduisaient. Simiand savait la mathématique des dieux, Henri Lévy-Bruhl leurs artifices juridiques et il leur dérobait des trésors de bonté* (LE BRAS, 1966, p. 52).

Lembramos que em 1924 Le Bras tinha 33 anos e frequentava o grupo dos jovens do Instituto recém criado. De fato, naquela data, a composição etária dos demais membros do Instituto era a seguinte: Mauss 52 anos, Halbwachs 53, Bouglé 54, Granet 40, Massignon 41, Simiand, 51 e Lévy-Bruhl 40 anos<sup>6</sup>. O Instituto Francês de Sociologia, por sua vez, em 1962 foi substituído pela fundação da Sociedade Francesa de Sociologia.

Ainda a propósito desse grupo de eminentes representantes da Escola Sociológica Francesa, Le Bras complementa:

*Durkheim et Mauss (...) ils étaient honorés de tous mais une parfaite liberté de pensée permettait la diversité des opinions.”* Id. Ibid., p. 53. Mas, é sobretudo a Marcel Mauss que Le Bras reconhece a sua dívida, devido a sua lucidez e generosidade. [Escreve Le Bras (Id. Ibid., p. 53)]: *Me sera-t-il permis de reconnaître ma dette envers Marcel Mauss ? A partir de 1930 c'est-à-dire un peu avant mon premier article de sociologie religieuse le voisinage a favorisé la rencontre de cet éveilleur remarquable et généreux. Quelques phrases de lui avaient déjà orienté ma réflexion*<sup>7</sup>.

De fato, o historiador Yann Potin<sup>8</sup> relembra que Le Bras foi amigo e discípulo de Mauss, sendo assimilado à segunda geração dos “dürkheimianos”. Escreve Potin:

<sup>5</sup> Segundo C. Tarot (2003, p. 16), a ideia da fundação do Instituto foi de Mauss e a equipe inicial contou com vinte e três antigos colaboradores e dezessete novos. Gabriel Le Bras figurava entre estes últimos.

<sup>6</sup> Recordemos as datas de nascimento e morte dos autores referidos por Le Bras: Marcel Mauss (1872-1950), Maurice Halbwachs (1877-1945), Celestin Bouglé (1870-1940), Marcel Granet (1884-1940), Louis Massignon (1883-1962), François Simiand (1873-1935) e Henri Lévy-Bruhl (1884-1964).

<sup>7</sup> Camille Tarot (2003, p. 4) sublinha que é recorrente entre os alunos de Mauss a narrativa da sua extraordinária erudição, generosidade e capacidade de despertar o interesse científico dos seus ouvintes.

<sup>8</sup> Além de historiador Potin é arquivista, especialista em história medieval. Ocupa o cargo de encarregado de estudos documentais nos *Archives Nationales* e é mestre de conferências em história do direito na Universidade de Paris XIII. Suas pesquisas concernem a história do patrimônio, da construção e da transmissão dos arquivos e suas fontes históricas.

*Ami et disciple de Mauss, G. Le Bras était en tout cas assimilé à la deuxième génération des “durkheimiens”, dans la mesure où il avait côtoyé, à Strasbourg comme à Paris, ceux que l’entretien désigne comme les “petits prophètes”, de Maurice Halbwachs à Georges Davy” (POTIN, 2012, p. 118).*

Em 1945, G. Le Bras participou da fundação do *Centre d’Etudes Sociologiques*, no seio do CNRS, juntamente com H. Lévi-Bruhl, G. Gurvitch, R. Aron e outros<sup>9</sup>. E em 1954, foi um dos fundadores do *Groupe de Sociologie des Religions*, no contexto do nascente *Centre d’Etudes Sociologiques*. O *Groupe* era formado por uma pequena equipe de cinco pessoas, Gabriel le Bras, Henri Desroche, François-André Isambert, Émile Poulat e Jacques Maître<sup>10</sup>.

Pierre Lassave<sup>11</sup> e Emile Poulat divergem quanto à “paternidade” do *Groupe de Sociologie des Religions*. No dizer de Lassave (2012, p. 91): “*On sait que ce dernier (G. Le Bras) fonda après-guerre, en 1954, le Groupe de sociologie des religions dans le cadre du naissant Centre d’études sociologiques du CNRS*”.<sup>12</sup> Por seu turno, Poulat afirma: “*c’est, sans conteste, à Henri Desroche que revient l’idée première d’un “Groupe de sociologie des religions”*” (ASSR, N. 136, 2006, p. 25).

Seja como for, este grupo fundou, em 1956, a revista *Archives de Sociologie des Religions*, que se tornou em 1973 *Archives de Sciences Sociales des Religions*, para melhor marcar a abordagem interdisciplinar dos fatos religiosos.

Nesta data, em 1956, G. Le Bras contava com 65 anos. Pertencia a uma geração anterior do grupo que a ele se cercou nesta iniciativa, uma vez que na mesma data Desroche tinha 42 anos, Poulat 36, Isambert 32 e Maître 31 anos. A questão geracional, ou seja, o fato de Le Bras pertencer à geração anterior de sociólogos possui, certamente, alguma implicação não somente no que concerne a “paternidade” e a liderança tanto do *Groupe* quanto da Revista - ao menos nos primeiros anos da sua existência – mas, sobretudo, nos encaminhamentos das posturas metodológicas e dos princípios norteadores dessas instituições.

No ato de sua fundação, G. Le Bras enfatizou dois tópicos. O primeiro sustentava que a revista (e o *Groupe*) se inscreve na tradição da Escola Sociológica Francesa e se mantém herdeira da herança dürkheimiana. E arrematou dizendo “*nous entrons dans une famille et dans une lignée dont la force nous soutiendra*” (le Bras, 1956, p. 5).

No dizer de Pierre Lassave, esta frase mostra a intenção de Le Bras de alinhar a revista à “herança dürkheimiana”, inscrevendo-a “*explicitement dans la filiation durkheimienne de l’Année sociologique*” (Lassave, 2012, p. 9). Esta revista, *Année sociologique*, foi fundada em 1898 por Dürkheim e é tida, por André Mary (2006, p. 12), como a revista mãe dos *Archives*, tendo como revistas irmãs *Cahiers Internationaux de Sociologie* e a *Revue Française de Sociologie*. Assim sendo,

<sup>9</sup> Lembremos que entre as duas guerras, mais especificamente de novembro de 1937 e julho de 1939, foi criado na França, por iniciativa de Georges Bataille, o *Collège de Sociologie*, ao qual se agregaram também, entre outros, Michel Leiris e Roger Caillois. Tratava-se de uma comunidade científica e moral cujo objetivo era a propagação das ciências sociais. O Colégio oferecia conferências públicas e, embora tenha tido uma vida curta, contribuiu para enriquecer a vida intelectual francesa no período.

<sup>10</sup> Este último assim explica a opção do nome do Grupo de sociologia das religiões e não sociologia religiosa: “*Le Groupe de Sociologie des Religions devait se distinguer de cette “sociologie religieuse” qui renvoyait, au moins pour les prêtres, à la “sociologie pastorale” – d’où notre option pour la “sociologie des religions”*” (In: Potin, 2012, p. 128).

<sup>11</sup> Pierre Lassave é diretor de pesquisa no *Centre d’Etudes en Sciences Sociales du Religieux*, da EHESS e do CNRS. Em 2013 foi considerado Diretor de pesquisa emérito. Entre os seus atuais temas de pesquisa figuram “*Sociologie de l’exégèse biblique contemporaine*” e “*Histoire des sciences sociales du religieux*”. Publicou, entre outras obras, *L’Appel du texte. Sociologie du savoir bibliste*, Presses universitaires de Rennes, 2011. E *Bible. La traduction des Alliances*, l’Harmattan, 2005.

<sup>12</sup> Em outro momento, o mesmo autor atribui a Le Bras a criação também dos *Archives*, Escreve ele: Gabriel Le Bras “*fut le créateur de la revue*” (Lassave, 2012, N. 159, p. 89).

continua Lassave (2012, p. 104), “*les Archives ont repris le flambeau vacillant des fascicules de sociologie religieuse de L'Année sociologique*”. Isto significa que, até certo ponto, os fundadores dos *Archives* se quiseram herdeiros da seção religiosa de *Année sociologique*, uma vez que após a guerra o objeto religioso tornou-se relativamente marginal na revista, contrariamente aos primeiros anos que foram, inclusive, decisivos para a preparação das Formas Elementares de Dürkheim<sup>13</sup>.

Mas, outro aspecto relevante a ser destacado na frase de Le Bras acima apresentada está em seu propósito, sintetizado no emprego das palavras família, linhagem e força. Elas fazem referência ao ethos de colaboração mútua e de trabalho coletivo gestado entre os membros do grupo de *Année sociologique*: Dürkheim, Mauss, Simiand, Halbwachs, Hertz, Hubert, Bouglé, Fauconnet, Davy, Huvelin e outros.

De fato, como refere Tarot (2003, p. 13), este grupo de trabalho formava uma equipe. “*L'Année est d'abord une equipe*”, cujo funcionamento aparentava a um centro de pesquisa, um laboratório, formado por pessoas que se juntavam, se ajudavam, reuniam-se, trocavam informações, discutiam, escreviam textos juntos<sup>14</sup>. Respondiam, assim, à concepção de ciência que, segundo Dürkheim, “*ne peut être l'oeuvre d'un seul homme*” (Tarot, 2003, p. 14).

Ora, quando Gabriel Le Bras fala em família e força, ele está querendo passar para o pequeno grupo que está se juntando a ele esse ethos de trabalho em equipe, tal como uma família, portadora de uma força capaz de levar adiante a revista recém fundada.

Evidentemente que o pequeno grupo fundador dos *Archives* assumiu esse ethos proposto por Le Bras, tanto assim que Henri Desroche, o primeiro chefe de redação da revista, tendo ali permanecido durante 25 anos, escreveu, ao deixar o cargo, que formavam uma “comunidade de trabalho”, uma “cooperativa de produção”. Ou seja, investiram na força do grupo e no trabalho colaborativo. A união deste pequeno grupo fundador dos *Archives* era tanta que se auto-proclamavam a equipe dos “cinco dedos da mão”: G. le Bras, H. Desroche, E. Poulat, F.A. Isambert e J. Maître.

Quatro anos após a fundação deste grupo, como já disse, a ele se juntou Jean Ségué, o qual, em 1980, substituiu Desroche no comando da revista, posto que ocupou até 1988<sup>15</sup>. Após esta data, vários eminentes sociólogos, entre eles Danièle Hervieu-Léger, e mesmo antropólogos, como André Mary, ocuparam esta função. Atualmente o chefe de redação da revista é o sociólogo e historiador Pierre Lassave.

O segundo tópico defendido por Le Bras por ocasião da fundação dos *Archives* consistia na independência disciplinar, teórica, metodológica e confessional da mesma. Disse ele: “*Cette revue ne saurait être au service d'aucune doctrine, confessionnelle ou anti-confessionnelle. Elle accueillera l'exposé possible de toutes les recherches, de toutes les théories, avec le souci exclusif de servir la science...*” (Le Bras, 1956, p. 6).

<sup>13</sup> Nas palavras de P. Lassave (2012, p. 91), “*Bien que cette dernière revue (L'Année sociologique) ait repris après-guerre son train annuel, mais en ne traitant de l'objet religieux qu'à ses marges, tout se passe donc comme si les Archives, par l'abondance nouvelle et continue de son bulletin bibliographique, avaient pris le relais des fascicules de la section de sociologie religieuse des premiers temps de L'Année, ceux qui avaient précisément préparé les Formes*”.

<sup>14</sup> Assim, por exemplo, Mauss escreveu quatro textos com Henri Hubert, a saber: *l'Essai sur la nature et la fonction du sacrifice*, em 1899, *Mélanges d'histoire des religions*, 1999, *l'Esquisse d'une théorie générale de la magie*, em 1904 e *Introduction à l'analyse de quelques phénomènes religieux*, em 1908. Além disso, ambos redigiram juntos várias resenhas para a revista *Année sociologique*. Mas Mauss também escreveu com Paul Fauconnet, com Henri Beuchat, com Marcel Griaule e, é claro, com Dürkheim.

<sup>15</sup> A trajetória intelectual de Jean Ségué foi governada pelo projeto de dar conta da potência utópica dos agrupamentos voluntários – seitas radicais resultantes da Reforma, ordens religiosas – que reúnem crentes qualificados que aspiram uma vida organizada e atraída pela fé. Publicou vários textos e livros sobre seitas reformadoras, especialmente sobre Menonitas franceses. Seu tema era o conflito religioso, mas sabendo que conflito religioso é também conflito social e pessoal. Ele atravessa o crente.

Por seu turno, Poulat relembra que também Henri Desroche colocou como princípio da revista, e do Grupo, “*une sociologie indépendante, ouverte au débat, allergique aux directives, aux consignes, aux ingérences*” (Poulat, 2006, p. 28).

Enfim, outro fundador do Groupe, e da revista, Jacques Maître, relembra: “*Pour nous, il allait de soi que nous étions des citoyens et des chercheurs libres, ne devant des comptes qu’au CNRS et à l’Université, et non à l’Église. Nous avons appris à être libres, et la période d’occupation y est sans doute pour quelque chose*” (in: Potin 2012, p. 128)<sup>16</sup>.

Posso testemunhar que os quatro fundadores dos Archives que conheci, além de Jean Séguy, como disse na introdução deste texto, seguiram os propósitos anunciados por Gabriel Le Bras. Em primeiro lugar, destacavam-se pela erudição, posto que detinham uma formação humanista não presa a uma única disciplina acadêmica. Todos faziam questão de sublinhar as continuidades entre as áreas do conhecimento - sociologia, teologia, antropologia, psicologia, filosofia etc - entre as quais viam pontes e não muros<sup>17</sup>. É como se, para eles, uma área do conhecimento fosse pouco para dar conta da complexidade do social e do humano, assim como era pouco uma única corrente teórica. Por isso, bebiam em várias fontes, realizando entre elas, como dizia Desroche, uma relação ecumênica. Em segundo lugar, mantiveram o espírito de colaboração mútua no contexto de uma amizade que juntava o lado afetivo e intelectual. Encontravam-se ou cumprimentavam-se, por alguma forma de comunicação, em momentos festivos como aniversários, mas também compartilhavam textos em elaboração ou recém finalizados e, sobretudo, reuniam-se periodicamente para levarem em frente a revista. Não era incomum também convidarem-se mutuamente para contribuírem uns com os outros em seminários que mantinham, seja na *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* seja no *Collège Coopératif*.

Portanto, nesta primeira parte vimos, por um lado, que os membros fundadores dos Archives procuraram dar continuidade ao ethos colaborativo e participativo firmado pelo grupo que se formou em torno de *Année sociologique* e, por outro lado, que conceberam a revista Archives para conduzir uma sociologia científica da religião. Assim procedendo inscreveram-se, de alguma forma, na linhagem dürkheimiana. Na sequência, veremos o tratamento que a revista Archives tem dispensado a Dürkheim e sua teoria, ou escola.

## 2. Três dossiês em Archives sobre a teoria Dürkheimiana de religião

O levantamento estatístico efetuado por Lassave (2012, p. 92) mostra que até 2012, por ocasião do centenário das Formas, Archives havia publicado mais de trinta trabalhos sobre Dürkheim ou as Formas, chegando a cerca de 300 páginas, entre artigos, notas críticas e resenhas.

Mas, destacam-se especialmente três números dos Archives consagrados à retomada da teoria dürkheimiana de religião. O primeiro é o n. 27, de janeiro-junho de 1969; o segundo é o n. 69 de 1990 e o terceiro é o n. 159, de julho-setembro de 2012.

O n. 27 consta de um dossiê composto de 3 textos, a saber, de Constant Hamès, intitulado “*Un texte peu connu de Dürkheim. A propos de la parution des Formes élémentaires de la vie*”

<sup>16</sup> As afirmações de J. Maître resultam de uma entrevista concedida por ele a Yann Potin, em 27/3/2012.

<sup>17</sup> Recordo, por exemplo, que Jean Séguy costumava dizer que a sua identidade de sociólogo ele a proclamava porque no alto do seu contracheque figurava a palavra “sociólogo”. Ele próprio, porém, não se considerava tão somente um sociólogo.

religieuse”; de Emile Dürkheim, o texto “*Le sentiment religieux à l'heure actuelle*” e de Henri Desroche, o texto “*Retour à Dürkheim? D'un texte peu connu à quelques thèses méconnues*”.

No primeiro artigo, Hamès fala da gênese do texto de Dürkheim. Refere que consiste num achado da “*transcription d'une intervention orale de Dürkheim au cours d'une série de conférences durant l'hiver 1913-1914*” (p. 71). Prossegue informando que “*nous ignorons par quels intermédiaires on est passé de l'exposé oral au texte écrit. Il est impossible de dire si Dürkheim lui-même a contrôlé la transcription de son intervention*”. (p. 72). Enfim, destaca que no texto exumado, Dürkheim retraça com clareza e vigor o essencial da sua tese sobre a explicação sociológica da religião. Sem recuperar a questão do totemismo Dürkheim vai direto ao ponto teórico, qual seja, a do dinamismo interno das sociedades enquanto fonte das religiões. Além disso, destaca que a referência às formas elementares remete ao essencial e não às origens.

O segundo texto, de Dürkheim, constitui um importante achado que “*fut d'abord exhumée par les Archives*” (Lassave, 2012, p. 14). Composto de cinco páginas, nele Dürkheim se dirige inicialmente aos “*libres penseurs*” e em seguida aos “*libres croyants*”, grupo de intelectuais progressistas e protestantes.

Aos “livres pensadores” expõe a sua base teórica ao propor a religião menos como um sistema de ideias e mais como um sistema de forças que dinamiza as consciências reunidas. Diz ele:

*La religion en effet n'est pas seulement un système idées, c'est avant tout un système de forces. L'homme qui vit religieusement n'est pas seulement un homme qui se représente le monde de telle ou telle manière, qui sait ce que d'autres ignorent ; c'est avant tout un homme qui sent en lui un pouvoir qu'il ne se connaît pas d'ordinaire, qu'il ne sent pas en lui quand il n'est pas à l'état religieux*” (DÜRKHEIM, 1969, p. 74)<sup>18</sup>.

Na sequência se pergunta : “*de quelle partie du monde de expérience peuvent lui venir ces forces qui le dominent et qui en même temps le sustentent?*” E responde :

*Or je demande si cette source peut être trouvée ailleurs que dans cette vie très particulière qui se dégage des hommes assemblés. Nous savons en effet par expérience que, quand les hommes sont réunis, quand ils vivent d'une vie commune, de leur réunion même surgissent des forces exceptionnellement intenses qui les dominent, les exaltent, portent leur ton vital à un degré qu'ils ne connaissent pas dans la vie privée. Sous l'effet de l'entraînement collectif, ils sont parfois saisis d'un véritable délire qui les pousse à des actes où ils ne se reconnaissent pas eux-mêmes* (Id. Ibid., p. 74-75).

E destaca, enfaticamente, esta frase que os Archives passarão para a posteridade:

*En résumé, ce que je demande au libre penseur, c'est de se placer en face de la religion dans l'état d'esprit du croyant. C'est à cette condition seulement qu'il peut espérer la comprendre. Qu'il la sente telle que le croyant la sent, car elle n'est véritablement que ce qu'elle est pour ce dernier. Aussi quiconque n'apporte pas à l'étude de la religion une sorte de sentiment religieux ne peut en parler ! Il ressemblerait à un aveugle qui parlerait de couleurs!* (Id. Ibid., p. 75).

<sup>18</sup> De fato, lembremos que para Dürkheim, força constitui um conceito que lhe é caro, posto que a experiência do sagrado é dominada pela emoção. No princípio é a emoção: efervescência, paixão, vertigem, frenesi.



Portanto, esta fórmula não presente em As Formas, impressiona pela sua formulação vigorosa e pela especificidade de uma metodologia das ciências religiosas que Dürkheim reivindica. Ou seja, Dürkheim propõe uma abordagem empática do sentimento religioso.

Na sequência do texto, dirigindo-se ao “livre crrente” Dürkheim pede a eles para suspenderem temporariamente “*leurs convictions personnelles de foi pour admettre la religion comme fusion naturelle des consciences qui remplit le monde de dieux semblables à des “ idéaux agrandis”*” (Lassave, 2012, p. 94). E complementa afirmando que vivemos num período de frio moral, onde “*les vieux idéaux et les divinités qui les incarnaient sont en train de mourir parce ils ne répons plus suffisamment aux aspirations nouvelles qui se sont fait jour, et les nouveaux idéaux qui nous seraient nécessaires pour orienter notre vie ne sont pas nés*” (Dürkheim, 1969, p. 77).

E finaliza dizendo :

*Tout ce qu’il importe est de sentir par-dessous le froid moral qui règne à la surface de notre vie collective les sources de chaleur que nos sociétés portent en elles-mêmes. On peut même aller plus loin et dire avec quelque précision dans quelle région de la société ces forces neuves sont particulièrement en voie de formation : c’est dans les classes populaires* (Id. Ibid.).

Como se vê, aqui radica outra complementação de Dürkheim em relação às Formas (1912/1968). Ele constata nas camadas populares que as forças novas da sociedade estão particularmente em via de formação. No mais, tudo o que precede reforça ideias já presentes nas Formas e, fundamentalmente, a de que as forças religiosas são forças humanas. Neste sentido, recorda Pace (1996, p. 27), “força” torna-se um conceito caro a Dürkheim, posto que para ele a experiência da sacralidade das normas coletivas é dominada originariamente pelas emoções. “No princípio, pode-se dizer, é a emoção”, sintetiza o sociólogo italiano.

No terceiro texto, “*Retour à Dürkheim? D’un texte peu connu à quelques thèses méconnues*“, Desroche elogia Hamès por ter “exumado” o texto de Dürkheim. Recorda que este texto evoca a dimensão religiosa da teoria Dürkheimiana,

*par la centralité accordée aux moments principaux de l’expérience religieuse collective, par son imbrication du phénomène social et du phénomène religieux, par son adventisme latent ou déclaré, (...) par l’analogie de comportement diagnostiquée (...) entre la religion, la morale et la science : trois anneaux entrelacés l’un à l’autre* “ (DESROCHE, 1969, p. 81).

Além disso, sublinha que a fala de Dürkheim nos interpela para retomar e refletir sobre uma série de “teses desconhecidas” constantes nas Formas: as lógicas da ideação coletiva; a transfiguração do mundo vivido e de coalescência das forças mentais; a ambivalência do sagrado (da coisa sagrada), simultaneamente e contraditoriamente como soberanamente desejada e soberanamente temida (ao mesmo tempo totem e tabu); o duplo patamar do fenômeno religioso, ao mesmo tempo experiência e representação (onde os participantes são ao mesmo tempo atores e espectadores), sentimento e instituição; a lógica da complementaridade entre religião e ciência, sendo esta a “*une forme plus parfaite de la pensée religieuse*”, o que não significa desaparecimento da religião mas sua transformação; a relação entre eclipse do sagrado e a fase de transição e de mediocridade moral que atravessam as sociedades orgânicas.

Assim, Desroche convoca para a releitura das Formas, fazendo aparecer ao Grupo e à Revista novos horizontes epistemológicos que oferecem novas chaves para a exploração do sagrado moderno, selvagem ou domesticado.

O segundo volume consagrado à Dürkheim é o N. 69, de 1990, e intitula-se “*Relire Dürkheim*”. É organizado por Danièle Hervieu-Léger, que redige a apresentação do mesmo. Nela, a socióloga afirma que o objetivo do dossiê é retomar a sociologia religiosa de Dürkheim - sua concepção do sagrado e mais especificamente sua visão do novo sagrado nas sociedades modernas – bem como “*celui de faire apparaître la fécondité d’une reprise des textes durkheimiens pour l’élaboration d’une sociologie de la modernité religieuse et, plus largement, pour une intelligence enrichie de la modernité elle-même*” (Hervieu-Léger, 1990, p. 5-6)<sup>19</sup>

No volume comparecem grandes especialistas internacionais de Dürkheim, como José A. Prades, Robert N. Bellah, Denis Benoît, Eugen Schoenfeld, Jean-Claude Filloux, Robert Alun Jones, W.S.F. Pickering, Bernard Lacroix, François-A. Isambert, Paul Ladrière, Jean Baubérot, Alexandre Derczansky e Jeffrey C. Alexander.

Importante observar que se em 1990 *Archives* dedicou todo um volume para retomar e reatualizar a teoria dürkheimiana da religião é porque havia uma grande revisitação, sobretudo no outro lado do Canal da Mancha e do Atlântico, tanto da obra de Dürkheim quanto dos demais membros da chamada escola dürkheimiana<sup>20</sup>. Isto significa, como destaca Pace (1996, p. 10), que através dos trabalhos de Dürkheim, naquele momento, a sociologia contemporânea estaria redescobrimo o papel fundamental da religião na vida social, após ter falado do inarredável declínio do sagrado e do religioso.

Já o N. 159 dos *Archives* é todo ele consagrado ao centenário da publicação das Formas, obra fundadora da sociologia e da antropologia das religiões em língua francesa.

Os artigos revisitam os primeiros debates que a obra suscitou em diversos setores da filosofia, das ciências religiosas e da teologia, na França, mas, também, em outros países, como Alemanha, Itália, Haiti e China. Também explora temas como a origem da religião e a gênese religiosa das categorias de tempo, espaço, gênero, alma e corpo.

Os textos do volume reportam-se em seguida aos nossos dias para apreciar os usos teóricos e práticos da obra: mutação do sagrado nas sociedades modernas, natureza da moral laica, genealogia do entendimento, funcionamento da memória, socialidade da economia.

O número temático finaliza com a exposição de quase uma centena de resenhas das Formas, entre 1912 e 1918, em várias línguas. Um documento inédito.

<sup>19</sup> De fato, na década de 1980 a reflexão sociológica volta-se sobre a religião na modernidade, ou sobre a modernidade religiosa, levando em conta a revanche de Deus, o retorno do sagrado, a contestação da teoria da secularização. Dois itens são evidenciados: a relação do político e do religioso, e a individualização do religioso. Sobre o primeiro tópico Patrick Michel aponta que ele está no cerne da laicidade ou secularização. Para ele, há uma “matriz comum” do religioso e do político. É a matriz do crer. Para entendê-la é preciso dar-se conta de que estamos diante de uma “revolução copernicana”, segundo a qual: “*dans le système universel de la croyance, ce n’est pas la religion qui est au centre, le croire gravitant autour, mais bien la planète “religion” qui se trouve en orbite autour du soleil “croire”, dont elle n’est jamais que le satellite*” (Michel, 2003, p. 163). Por sua vez, D. Hervieu-Léger ao analisar a modernidade religiosa responde diretamente à questão da “*individualisation radicale du croire*”, que corresponde a um dos pressupostos da modernidade, sustentando que a ideia do indivíduo legislador da sua própria vida, que marca um corte com a tradição e com as crenças irracionais, é inconsistente. Para ela, a individualização das representações não ocorre sem vínculos comunitários. Há um regime uniforme do crer que permanece uma referencia para o coletivo. Daí decorre a sua definição de religião: “*dispositif idéologique, pratique et symbolique par lequel est constitué, entretenu, développé et contrôlé le sens individuel et collectif de l’appartenance à une lignée croyante particulière*” (Hervieu-Léger, 2003, p. 151).

<sup>20</sup> Lembro, por exemplo, que William Pieckering publicou o seu famoso livro *Durkheim’s Sociology of religion* em 1984 e José Prades *Persistence et métamorphoses du sacré*, em 1987.

O volume foi organizado por Pierre Lassave e dele participaram os seguintes autores: Stéphane Baciocchi, Guillaume Cuchet, Michael Löwy, Salvatore Abbruzzese, Yann Potin, Laurence Roulleau-Berger, Zhengai Liu, Lewis Ampidu Clorméus, Jean-François Bert, André Mary, Thomas Hirsch e Philippe Steiner.

O volume é complementado com três módulos documentais: as resenhas das entre os anos de 1912 e 1918, uma reunião dos artigos, notas críticas e resenhas constantes nos *Archives* que tratam diretamente da obra dürkheimiana, e uma base de dados sobre os textos de *Année sociologique* entre os anos de 1896 a 1913 e que acompanharam a elaboração das Formes.

Veremos a seguir, nesta terceira parte, um pouco mais de perto as ideias sustentadas por dois fundadores dos *Archives* e suas aproximações com a teoria dürkheimiana.

### 3. Influência da teoria dürkheimiana em Desroche e Isambert

D. Hervieu-Léger apresenta duas versões, aparentemente contraditórias, sobre o enquadramento teórico e disciplinar de Henri Desroche. Por um lado, a impossibilidade de classificá-lo, “de atribuí-lo a um lugar, a uma disciplina, a uma escola ou a um grupo, seja ele qual for” (2009, p. 289). Cipriani (2009, p. 184) vai na mesma direção ao afirmar que Desroche “*sembra non professare alcuna particolare ideologia*”. Esta dificuldade de classificar este autor é, de certo modo, admitida por ele mesmo ao se autodeclarar como um “atravessador de fronteiras” (“*passeur de frontières*”).

Mas, por outro lado, o Desroche da “sociologia da esperança”, livro publicado em 1973, adota claramente uma linha dürkheimiana, ao apreender “a dinâmica da autocriação do social em todas as manifestações coletivas em que se exprime a capacidade dos grupos humanos de transcender pelo imaginário as determinações da vida ordinária” (Hervieu-Léger, 2009, p. 307). Seja como for, Desroche, autor de mais de 40 livros, em *Sociologia da Esperança* realça a força do coletivo, das esperanças coletivas, presentes nos messianismos e milenarismos, nas experiências utópicas, comunitárias ou cooperativas.

Segundo D. Hervieu-Léger (2009, p. 287), a expressão “sociologia da esperança” “tem o mérito de contar, ao mesmo tempo, o homem e seu projeto intelectual”.

Para Desroche, “*L’espérance est une corde*”. Ele se apropria de um mito próprio do faquirismo, segundo o qual o fakir lança uma corda no ar, esta sobe e se prende em algum lugar. Nela ele ou alguém sobe. A corda não solta.

Como neste prodígio do faquirismo, a coletividade que sonha sobre outro mundo o antecipa lançando uma corda no ar. Ela deveria cair, mas misteriosamente se prende em algum lugar. Ela não larga e sustenta as pessoas que por ela sobem.

Essa parábola do faquirismo, afirma D. Hervieu-Léger (2009, p. 300), “dá sentido à obra inteira em matéria de sociologia das religiões e ao incansável trabalho de exploração das dissidências ao qual Desroche se consagrou”.

Sobre a efervescência coletiva presente nos messianismos, Desroche sublinha que não são práticas pré-políticas. Seu fracasso não desemboca necessariamente num movimento, igreja ou organização política. Em certos casos, ao contrario, o fracasso do político é a causa de um movimento ou vários, de natureza messiânico-milenarista.

Enfim, segundo Séguy (1994, p. 6), Desroche retinha de Dürkheim especialmente esta lição: os cultos, os rituais, os momentos festivos, são criadores de uma sobre-sociedade, (“*une sur-société*”),

imaginada certamente, mas também real aos interessados, implicados, onde eles “*trainent languissement leur vie quotidienne*”.

Isambert, por sua vez, é aquele, do grupo que compunha “os cinco dedos da mão”, ou, como diz Cipriani (2009, p. 257), aquele entre os estudiosos do grupo lebrasiano, “*che dà maggior lustro alla sua disciplina e che porta a termine il lavoro di mappatura della religiosità francese secondo il progetto di Gabriel le Bras*”. Ainda segundo Cipriani (Id. Ibid.,) o objetivo declarado de Isambert “*è quello di predisporre una teoria dell’efficacia simbólica applicabile sia in campo religioso che sociale*”. Para tanto, apropria-se de todo o repertório conceitual produzido pelos dürkheimianos, tanto em seus estudos sobre a religião quanto sobre a magia, entre as quais Isambert não via fronteiras. Investiu nas análises das religiões e festas populares, posto que elas concentram valores simbólicos e se reportam ao sagrado.

Nos *Archives*, Isambert escreveu dois textos seminais, a saber: “*L’élaboration de la notion de sacré dans l’École durkheimienne*” (Isambert, 1976) e “*Dürkheim: une science de la morale pour une morale laïque*” (Isambert, 1990).

No primeiro texto Isambert retraça o caminho de pesquisa que associa o “mestre” aos seus “discípulos” (sobretudo M. Mauss et H. Hubert) em diálogo com a Escola Antropológica inglesa (R. H. Codrington, J. Frazer, F. J. Gillen, F. B. Jevons, A. Lang, R. Smith, B. Spencer, E. B. Tylor) confrontada às questões do sacrifício, do totem do tabu e da magia nas sociedades ditas primitivas<sup>21</sup>.

Isambert assinala seis tópicos que balizam a questão do sagrado: toda coisa sagrada é marcada pelo interdito; a separação do sagrado e do profano enuncia o início da organização do mundo bem antes de toda ideia de divindade; a ambiguidade é o princípio do sagrado, como mostraram Hubert e Mauss a propósito do sacrifício; conjurando as fronteiras imprecisas, o ritual sacrificial se coloca como uma forma do profano se comunicar com o sagrado através de uma vítima; o sagrado possui uma força particular, cristalizado no mana; o sagrado constitui uma categoria imperativa do mesmo modo que o tempo e o espaço (Lassave, 2012). Além disso, segundo Cipriani (2009, p. 260), o sagrado, para Isambert, não pode ser assimilado com o religioso assim como o seu caráter não pode se confundir com os recursos ao sobrenatural em substituição à ciência e à técnica.

Por fim, no texto dos *Archives* acima citado, Isambert sublinha as nuances de perspectivas entre o mestre e seus discípulos. Por exemplo, se Hubert e Mauss chegam à ideia de que a sociedade é sagrada não o fazem totalmente na perspectiva de Dürkheim para quem a religião é a transfiguração do social<sup>22</sup>.

No texto “*Dürkheim: une science de la morale pour une morale laïque*” Isambert relembra a constância da interrogação dürkheimiana sobre a consistência sociológica do fato moral. Este é também o posicionamento de R. Weiss (2017, p. 3), para quem “a moral é o principal tema de sua

<sup>21</sup> Lembremos, por exemplo, que Fraser distinguia magia e religião e considerava a primeira uma falsa ciência e uma etapa pretérita do desenvolvimento cognitivo que culmina com a religião monoteísta cristã, sendo esta a forma mais evoluída de religião. Ora, Mauss, embora a amizade que mantinha com Fraser, não deixou de criticá-lo sobre a sua teoria da magia denunciando o seu etnocentrismo, ao adotar o ponto de vista do mundo europeu para explicar outras culturas. Para Mauss, como sabemos, a crença nos poderes mágicos não constitui um fenômeno individual, hereditário ou natural, mas é socialmente aprendida. Ou seja, trata-se das forças coletivas em ação, onde o ritual possui uma força extraordinária posto que é ele que produz o mágico. Além disso, magia e religião não se excluem nem se sucedem mas coexistem e se completam.

<sup>22</sup> De fato, para Dürkheim, “*adorare Dio significa in fondo adorare la società. La forza che tiene assieme la società é la stessa che é alla base del sacro: il sacro simboleggia la forza dei legami sociali*” (Pace, 1996, p. 27).

(Dürkheim) obra, e a sociologia da moral é uma abordagem necessária para a compreensão dos conflitos contemporâneos”.<sup>23</sup>

De acordo com Lassave (2012), Isambert assim sintetiza a perspectiva de Dürkheim sobre o fato moral: ele se encontra na sanção que suscita toda infração à regra de conduta e a obrigação moral se divide entre dois tipos de disposição, o espírito de disciplina que se refere à opressão e à autoridade, duas polaridades em tensão que tomam o lugar da ambivalência entre o sagrado temido e desejado.

## Considerações finais

O *Groupe de Sociologie des Religions* e a revista *Archives de Sciences Sociales des Religions* foram fundados por um pequeno grupo de intelectuais - Gabriel le Bras, Henri Desroche, Emile Poulat, Jacques Maitre e François-Andre Isambert - sendo o primeiro deles portador de capital social e simbólico maior do que os demais membros. Não por acaso Desroche (1970, p. 3) afirma sobre le Bras : ele foi “ *notre parrain (...) le ciment de notre collégialité, son avocat aussi, et parfois même son brise-vent...* ”.

É possível que tal legitimidade de Le Bras tenha advindo não somente por fazer parte de uma geração anterior mas, principalmente, pelo seu convívio e amizade com dürkheimianos da segunda geração, como Mauss, Halbwachs e Bouglé. De fato, como afirma Potin (2012, p. 120), Le Bras “*fut (...) un témoin oculaire du milieu sociologique durkheimien “ historique ”...*”.

Por seu turno, J. Maître (Potin, 2012, p. 133) sustenta que Le Bras foi um “erguedor de barreiras”, diante da grande tradição universitária simbolizada na figura de Dürkheim. Em suas palavras:

*Face à la figure de Durkheim, qui était quand même le représentant symbolique de la grande tradition universitaire, “le régent de la Sorbonne”, il (Le Bras) concevait que son rôle était de lever les barrières pour que les institutions universitaires ne dressent pas des barrages devant la nouvelle génération” (Id.).*

J. Maître, em entrevista, afirma também que a referência a Dürkheim se impunha para garantir e assegurar a legitimidade para o Grupo do estudo sociológico da religião. Diz ele: “*La question principale pour nous était de faire admettre comme légitime l’étude sociologique de la religion. La référence à Durkheim était importante de ce point de vue*” (Potin, 2012, p. 130-131).

Quanto ao funcionamento do Grupo e sua metodologia de trabalho, lembremos que, sobretudo por influência de Le Bras, ele deu continuidade ao modelo inaugurado pelo grupo de intelectuais que se reuniu em torno da revista *Année sociologique*, o qual apostava na força coletiva para avançar o conhecimento científico. Neste sentido, como afirma Chapoulie (1991), o grupo encontrou a “fórmula de pesquisa”, ao associar objeto, programa, revista e laboratório. No dizer de Lassave, esta fórmula, se por um lado favoreceu o trabalho colaborativo entre os membros do grupo por outro lado fomentou a diversificação dos quadros disciplinares, dos campos de pesquisa e dos modos de abordagem, formando o que Desroche denominou de um ecumenismo de conceitos e de métodos (Lassave, 2012, p. 104).

<sup>23</sup> Porém, segundo a mesma autora (Weiss, 2017, p. 7), “a sociologia da moral permanece como potência ainda algo latente do legado dürkheimiano, e creio que o desenvolvimento de um programa de pesquisa que tome sua teoria moral como ponto de partida seja um das mais promissoras ‘vias abertas’ de sua obra fundadora”.

Além da herança dürkheimiana concernente à metodologia de funcionamento coletivo, sintetizada na “fórmula de pesquisa”, que vigorou no grupo fundador dos *Archives*, assim como no grupo que se reuniu em torno de *Année sociologique*, P. Lassave (2012, p. 91) sustenta que há ainda uma “*filiation en droite ligne que l’on pourrait dire institutionnelle*” entre os dois momentos históricos. O historiador Yann Potin (2012, p. 120), porém, afirma que durante os primeiros quinze anos da Revista, Dürkheim esteve “*à la fois présent et absent (...) à mi-chemin entre la défiance et le respect...*”<sup>24</sup>. Isto se deveu, segundo ele, especialmente pelo fato de Le Bras considerar que Dürkheim realizava menos uma sociologia das religiões e mais uma sociologia da religião, da qual ele procurava a essência nas formas elementares.

Porém, Potin e Lassave concordam que a partir de 1970 ocorreu um movimento nos *Archives* de redescoberta da obra de Dürkheim, que passou principalmente por Desroche e Isambert (Id. Ibid., p. 120). A revista chegava, então, ao décimo quinto ano de existência e, coincidentemente, alguns meses antes da morte de Le Bras. Na ocasião, como vimos, Desroche lançou, mesmo que em forma interrogativa, a famosa questão “*retour à Dürkheim?*”. Mas, Lassave vai além, pois, para ele, ao mesmo tempo em que se abre o horizonte do retorno de Dürkheim, a Revista também desdobra-se em múltiplas forças centrífugas (id. Ibid., p. 115), o que não impede que “*certaines contributions théoriques honorent le lien filial entre les Formes et les Archives*” (Id. Ibid., p. 105).

Concluo com duas sugestões de Lassave a propósito da relação entre os *Archives* e herança dürkheimiana da religião e uma constatação de Mary sobre o atual lugar da religião na sociologia. Lassave considera os *Archives*, “*un point de passage obligé*” para a revisitação da teoria dürkheimiana sobre a força ambivalente do sagrado e a obrigação moral (Lassave, 2012, p. 104). Em sua segunda sugestão Lassave destaca a “*ironie de l’histoire*”, posto que se no seu início os *Archives* se inscreviam na linhagem dürkheimiana em detrimento da sociologia que colocava o autor das Formas no museu do pensamento sociológico, nos últimos anos, os *Archives* tem dificuldade de acompanhar a importante retomada internacional reflexiva e historiográfica da Escola Sociológica Francesa, que vem ocorrendo sobretudo na Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Itália, com os *durkheimian studies*<sup>25</sup>, e no Brasil, com o Centro Brasileiro de Estudos Dürkheimianos, sediado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS e coordenado por Raquel Weiss (Oliveira e Weiss, 2017).

Enfim A. Mary (2006, p. 24) constata uma implosão da matriz sociológica que outrora servia de acolhida às demais ciências sociais da religião. Para ele, hoje na França, “*dans les centres de recherche qui relèvent (...) des études sur les religions, on trouve désormais plus d’historiens, d’anthropologues ou de politologues, que de sociologues “proprement dits”*”. Considero que esta observação de André Mary tem pertinência também para o Brasil e outros países da América Latina onde o interesse pelo estudo da religião ocorre menos na sociologia propriamente dita, com algumas exceções, e mais em outras áreas das ciências sociais e humanas. Obviamente, a questão que

<sup>24</sup> Essa ambivalência de posicionamentos relativos à figura de Dürkheim constatada nos *Archives* de certo modo reproduz o que ocorreu mais amplamente na França e alhures acerca deste autor, o qual, no dizer de R. Weiss (2017, p. 1), “opera como totem de nossa disciplina, em relação ao qual organizamos as diretrizes de nossa ação, em movimentos que são ora de negação, ora de aproximação”.

<sup>25</sup> Para uma análise das mais recentes descobertas documentais sobre Dürkheim e a retomada da obra do sociólogo francês em várias partes do mundo, ver Weiss e Benthien 2012. Neste contexto, destaca-se o *British Centre for Durkheimian Studies*, vinculado à Faculdade de Teologia e Religião, da Universidade de Oxford, que publica desde 1995 uma revista anual chamada *Durkheimian Studies/Études Durkheimiennes*, que acolhe textos que exploram a obra de Dürkheim e seu grupo bem como a aplicação de suas ideias nas áreas da Ciências Sociais, Filosofia e Teologia. (<http://journals.berghahnbooks.com/Durkheimian-studies>). O referido centro britânico foi fundado por William Pickering, em 1991, autor este que tem “contribuído de forma definitiva para consolidar os estudos sobre Dürkheim naquele país e internacionalmente...” (Weiss e Benthien, 2012, p. 137).

permanece é saber as razões dessa situação, considerando que a religião constitui um fato social nada desprezível em nossas sociedades.

## Referências bibliográficas

- CHAPOULIE Jean-Michel, “La seconde fondation de la sociologie française, les États-Unis et la classe ouvrière”, In: *Revue française de sociologie*, V. XXXII-3, 1991, p. 321-364.
- CIPRIANI, Roberto. *Nuovo Manuale di Sociologia della Religione*. Roma, Borla, 2009.
- DESROCHE, Henri. “Retour à Dürkheim? D'un texte peu connu à quelques thèses méconnues”. In: *Archives de Sciences Sociales des religions*. N. 27, 1969, p. 79-88.
- DESROCHE, Henri. “In memoriam. Gabriel Le Bras (1891-1970)”. In: *Archives de sociologie des religions*, 1970, 29, p. 3.
- DESROCHE, Henri. *Sociologie de l'espérance*. Paris, Calmann-Lévy, 1973.
- DÜRKHEIM, Emile. “Le sentiment religieux à l'heure actuelle”. In: *Archives de Sciences Sociales des Religions*. N. 27, 1969, p. 73-77.
- DÜRKHEIM, Emile. *Les Formes élémentaires de la vie religieuse. Le système totémique en Australie*. Paris, PUF, 1912/1968.
- HAMÈS, Constant. “Un texte peu connu de Dürkheim. A propos de la parution des Formes élémentaires de la vie religieuse”. In: *Archives de Sciences Sociales des Religions*, N. 27, 1969, p. 71-72.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. “La religion mode de croire”. In: *Revue du MAUSS*, N. 22, 2003, p. 144-158.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. “Gabriel le Bras”. In: HERVIEU-LÉGER, Danièle e WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e Religião*. Aparecida. Ideias e Letras, 2009, p. 255-286.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. “Henri Desroche”. In: HERVIEU-LÉGER, Danièle e WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e Religião*. Aparecida. Ideias e Letras, 2009, p. 287-315.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. “Relire Dürkheim. Présentation”. In: *Archives de Sciences Sociales des Religions*, n°69, 1990, p. 5-6.
- ISAMBERT, François-André. “L'élaboration de la notion de sacré dans l'École Dürkheimienne” In: *Archives de Sciences Sociales des Religions*, n. 42, 1976, p. 35-56.
- ISAMBERT, François-André. “Dürkheim: une science de la morale pour une morale laïque” In: *Archives de Sciences Sociales des Religions*, N. 69, 1990. p. 129-146.
- LASSAVE, Pierre, “Les Formes dans les Archives : filiation, refondation, référence”, In: *Archives de Sciences Sociales des Religions*. N. 159, juillet-septembre 2012, p. 89-111.
- LASSAVE, Pierre. “Introduction: Des controverses aux héritages”. In: *Archives de Sciences Sociales des Religions*. 2012, N. 159, p. 9-16.
- LE BRAS, Gabriel, “Sociologie religieuse et science des religions”. In: *Archives de sociologie des religions*, 1956, N.1, p. 3-17.
- LE BRAS, Gabriel. “Note sur la sociologie religieuse dans l'Année Sociologique”. In: *Archives de Sociologie des Religions*, n°21, 1966. p. 47-53,
- MARY, André, “Henri Desroche: un anthropologue aux Archives”. In: *Archives de Sciences Sociales des Religions*, N. 141, janvier-mars 2008.

- MARY, André. “Les Archives... Cinquante ans... après”. In: *Archives de sciences sociales des religions*, N. 136, 2006, p. 9-24.
- MICHEL, Patrick (Dir). *Religion et Démocratie*. Paris, Albim Michel, 1997.
- OLIVEIRA, Márcio de e WEISS, Raquel, “Vers un renouveau Dürkheimien au Brésil”, In: *Sociologie*, N° 3, v. 8, 2017.
- ORO, Ari Pedro. *Un mouvement messianique actuel en Amazonie Brésilienne: la Fraternité de la Sainte Croix*. Tese defendida na Sorbonne Nouvelle, Paris, em 13/12/1985 e publicada pela Editora Vozes, Petrópolis, em 1989, sob o título: Na Amazônia um messias de índios e brancos. Traços para uma Antropologia do Messianismo.
- PACE, Enzo. *Emile Durkheim. Per una definizione dei fenomeni religiosi*. Roma, Armando Editore, 1996.
- PICKERING, William. *Durkheim's Sociology of Religion. Themes and Theories*. Londrese, Routledge and kegan Paul, 1984.
- POTIN, Yann, “Le passeur et la barrière”, In: *Archives de Sciences Sociales des Religions*. N. 159, juillet-septembre 2012, p. 113-133.
- POULAT, Émilet, “Aux origines du “Groupe de Sociologie des Religions” et de ses Archives”, In: *Archives de sciences sociales des religions*. N. 136, octobre - décembre 2006, p. 25-36.
- PRADES, José. *Persistence et métamorphoses du sacré*. Paris, PUF, 1987.
- SÉGUY, Jean. “In memoriam. Henri Desroche (1914-1994)”. In: *Archives de Sciences Sociales des Religions*, nº87, 1994. p. 5-11.
- TAROT, Camille. *Sociologie et Anthropologie de Marcel Mauss*. Paris, Editions la Découverte, 2003.
- WEISS, Raquel “Revisitando Dürkheim: Vínculo, Tensões Morais e Educação para a Diversidade”. In: *Blog do Sociofilo*, 27/11/2017, 12 p.
- WEISS, Raquel e BENTHIEN Rafael Faraco. “A redescoberta de um sociólogo”. In: *Novos Estudos*, N. 94, 2012, p. 133-149.